

Editorial

A produção do conhecimento geográfico no Brasil ao longo do século XX e início do século XXI tem se transformado e diversificado consideravelmente. A produção, reprodução e circulação de ideias tem sido feitas no cruzamento entre as tradições já consagradas e a inovação. É exatamente a relação entre a tradição do conhecimento geográfico e a produção contemporânea que estrutura este número da *Espaço Aberto*. Ele se articula em torno de dois temas importantes: memória e a produção de informação para a gestão pública. De um lado, um grupo de artigos reflete sobre a própria memória da geografia, mas também sobre o papel do espaço na produção de memória a partir de diferentes objetos e metodologias. De outro, apostando numa tradição consagrada da Geografia, um grupo de artigos discute a produção de informações sobre o espaço e o meio ambiente discutindo a aplicação de metodologias contemporâneas, com rebatimentos diretos para o processo de gestão do território.

Em tempos de incerteza para a pesquisa e o ensino superior no país, nada mais revigorante do que revisitar o momento em que os alicerces da pesquisa geográfica na recém-criada Universidade do Brasil, atualmente Universidade Federal do Rio de Janeiro, foram construídos. No artigo que abre esse número, o geógrafo alemão Gerd Kohlhepp recupera essa história e a trajetória de um dos seus principais personagens. Em uma época igualmente desafiadora, Hilgard Sternberg reivindicou espaço para um centro de estudos e usou suas conexões nacionais e estrangeiras para criar um dos mais influentes laboratórios de pesquisa científica, o Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil (CPGB). Até então, as pesquisas na geografia eram concentradas no Conselho Nacional de Geografia (atual IBGE). Sua curiosidade e amplitude de olhar contribuíram para a formação do perfil diverso não só do Departamento de Geografia da Universidade do Brasil, mas também de toda uma geração de geógrafos brasileiros.

Pesquisa e memória são também os polos a partir dos quais se articulam os três artigos seguintes. O artigo de Maria Helena Braga e Vaz da Costa analisa a relação entre espaço, memória e lugar a partir de uma obra cinematográfica: *Era uma vez eu, Verônica*. O filme da criativa produção pernambucana é analisado pela autora e articulado com a produção de autores como Yu-Fu Tuan, Stuart Hall e Edward Relph. A autora mostra como a paisagem de Recife atua no filme como uma personagem em constante relação com a protagonista e ressalta a relação entre o processo de construção de identidade e a memória *dos e nos* lugares. Nesse sentido, a experiência dos lugares é apresentada como elemento importante na constituição da própria identidade dos indivíduos.

O Artigo de Rachel de Almeida Moura traz o cartão postal como objeto para análise sobre o simbolismo do espaço urbano. Nele, a autora aponta para a construção e circulação de representações sobre a cidade do Rio de Janeiro, especialmente aquelas associadas às ideias de paraíso tropical e de cidade moderna, presentes nos cartões postais entre as décadas de 1900 e 1930. No momento em que a cidade passava por grandes transformações, pautadas na ideia de progresso e civilização, os cartões postais produzidos ao longo do período valorizam, de um lado, a natureza tropical exuberante,

marcada pelas encostas florestadas rente ao mar e, de outro, as grandes avenidas e obras arquitetônicas que manifestavam o progresso à semelhança das existentes na Europa e na América do Norte. A intencionalidade da formação de uma memória urbana e de uma identidade para a cidade nos moldes dados por essas representações são assim analisadas pela autora.

Ângelo Ferreira de Almeida mostra a relevância dos conceitos de memória e história de vida para o resgate da trajetória, das experiências, dos discursos e da identidade de um fenômeno ou coletividade social. O autor relaciona duas tradições importantes do conhecimento geográfico, o ensino e o meio-ambiente para analisar a trajetória de um projeto de educação ambiental iniciado em 2009 com professores da rede pública de ensino de Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro.

Um segundo grupo de artigos trafega longe da memória, mas próximo ao professor Hilgard ao examinar a interferência humana sobre o ambiente no intuito de produzir subsídios para a gestão pública. O artigo de Lucas da Silva e Eduardo Viana parte dessa preocupação ao propor a aplicação de indicadores ambientais à Bacia do rio Banabiú, no Ceará. O cenário extremamente positivo que encontraram – 92% dos municípios da bacia apresentaram desempenho sustentável, potencialmente sustentável ou de média sustentabilidade – não os demoveu de apontar a necessidade de melhoria de diversos indicadores, como saneamento básico, coleta e destinação de lixo e estações de tratamento de água e de esgoto.

A bacia hidrográfica como unidade de gestão é também o ponto de partida de Ulisses Costa Oliveira e Petrônio Silva de Oliveira, que analisam a densidade de pontos de incêndio na Bacia do rio Acaraú, Ceará, entre 2010 e 2015. Os autores desenvolvem uma metodologia minuciosa para identificar os pontos de concentração temporal e espacial desses incêndios.

Por fim, igualmente versando sobre o semiárido cearense, o artigo de Valéria Ramos Lourenço, Nívea Nara de Lucena Alves Ramos e Carlos Alexandre Gomes Costa aplica o índice de vegetação (NDVI) para identificar as modificações temporais em área preservada do bioma Caatinga na Bacia Experimental de Aiuaba, no município de mesmo nome, no Ceará. Os autores identificam alterações sazonais nos indicadores segundo o período do ano, reflexo da área foliar da Caatinga e não da densidade da vegetação.

Ao articular memória e inovação, métodos consagrados da geografia e novos objetos e abordagens, a *Espaço Aberto* cumpre nesse número mais uma vez seu objetivo de abrir espaço para as diferentes formas de fazer Geografia, entendendo que é nessa articulação entre diversidade, atualidade e tradição que o desenvolvimento do conhecimento geográfico pode demonstrar toda a sua riqueza.

Os Editores